

Editor: Carlos Marcelo
pensar.d@diariosassociados.com.br
Tel. 3214-1178 • Fax 3214-1194

pensar

Professor HEIDEGGER

EDIÇÃO DE CURSO SERVE DE INTRODUÇÃO PRECIOSA AO AMBICIOSO E BEM-SUCEDIDO PROJETO FILOSÓFICO DO PENSADOR ALEMÃO

VLADIMIR SAFATLE
ESPECIAL PARA O CORREIO

Há algum tempo, o leitor brasileiro vê chegar às livrarias traduções de cursos ministrados por Martin Heidegger (1889-1976) ao longo de sua carreira universitária. Peça fundamental de uma das mais significativas experiências intelectuais do século 20, esses cursos mostram o filósofo em confrontação com nomes centrais do pensamento alemão (Hegel, Nietzsche, Schelling) e em paciente reelaboração de alguns conceitos maiores legados pela tradição da metafísica ocidental. O último desses cursos a ser traduzido em nossa língua são as preleções ministradas no semestre de inverno de 1928/29 na Universidade de Freiburg. Intituladas "Introdução à filosofia", essas preleções contam com uma tradução segura que optou por evitar escolhas ariscadas (como, por exemplo, traduzir *Dasein* por "presença"), garantindo assim maior inteligibilidade ao texto.

Em vez de uma introdução à filosofia em moldes clássicos, ou seja, feita por meio de uma exposição sistemática da história da filosofia, Heidegger optou por uma extensa discussão a respeito da especificidade do discurso filosófico. Neste sentido, o livro é talvez uma das melhores introduções ao próprio projeto filosófico heideggeriano e às questões que o ocupavam logo após a publicação de sua primeira grande obra, *Sein e tempo*. Enunciada em linguagem extremamente generosa para um filósofo que passou à posteridade com fama de obscuro, as preleções acabam por expor de forma detalhada o que poderíamos chamar de fundamentos do pensamento heideggeriano como: a noção de diferença ontológica, de transcendência, de *Dasein*, de ser-no-mundo, sua crítica ao humanismo, entre outros.

Em seu esforço de definir a especificidade do discurso filosófico, Heidegger opta pela estratégia de contrapor-lo sistematicamente a outros três regimes de discurso: a ciência, a visão de mundo (*Weltanschauung*) e a história. O conjunto das preleções será organizado a partir dessas grandes confrontações. Infelizmente, elas terminam antes de analisar aquilo que Heidegger chama de "história", ou seja, "o acontecimento do próprio ser-ai (*Dasein*)". No entanto, no que se refere às relações entre filosofia/ciência e filosofia/visão de mundo, o filósofo oferece um quadro analítico extenso que se vale com segurança do recurso à história da filosofia, da filologia e da teologia.

Os capítulos sobre a relação entre filosofia e ciência, por exemplo, partem da questão: "É a filosofia uma ciência entre outras, a ciência universal em contraposição às ciências particulares, a ciência fundamental em relação às ciências derivadas ou não é ciência alguma?". Por meio dessa questão, Heidegger pode apresentar os fundamentos do que



será sua crítica à redução da experiência devido ao primado da técnica e a um princípio instrumental de racionalização, próprio à ciência moderna, baseado na matematização de seus objetos graças a procedimentos de mensuração, cálculo e quantificação. Tais críticas abrem as portas para Heidegger expor uma maneira de conceber a diferença da relação entre filosofia e ciência para com a verdade. Operando uma leitura peculiar do conceito grego de *aletheia* (desvelamento), Heidegger insiste na determinação da filosofia como uma espécie de guarda de uma verdade refratária ao modo de disposição dos entes próprio ao discurso científico. Verdade transcendente de um ser que é "desvelado a partir de si mesmo", e não a partir do sujeito como medida de todas as coisas. Sabemos como Heidegger vai, no decorrer de sua experiência intelectual, compreender esse modo do ser desvelar-se a partir de si mesmo por meio do recurso filosófico ao poema. Como se, ao final, a crítica à positividade da ciência desse dar lugar a uma certa recuperação da arte como modo de exposição da verdade.

Já no que diz respeito à relação entre filosofia e visão de mundo, Heidegger se pergunta: "É tarefa da filosofia formar uma visão de mundo? Ela repousa sobre uma visão de mundo ou essa conexão entre filosofia e visão de mundo não é decisiva?". Questão importante se seguirmos Heidegger e compreendermos "visão de mundo" como comportamento em relação à totalidade do que se dispõe faticamente a nós, permitindo assim o desenvolvimento de uma experiência de vida e de uma imagem do mundo. Apoiando-se em discussões de Dilthey e Karl Jaspers, Heidegger quer questionar o caráter meramente antropológico ou psicológico do que entendemos por "visão de mundo", como se a visão de mundo fosse, de uma certa forma, um produto psíquico como um fato da consciência. Pode haver uma visão de mundo inerente ao sujeito, mas ao ser, ou seja, ao modo com que o *Dasein* mantém-se na faticidade? Esta é a questão fundamental de Heidegger e é ela que o leva a lembrar como a problematização da relação entre ser (pensado como transcendência) e mundo abre espaço para uma forma renovada de relação entre filosofia e visão de mundo. Forma que permitiria uma "reunião que confronta o homem com o ser-ai (*Dasein*)". Ou seja, não se trata de dizer que a filosofia produz uma visão de mundo ou que ela vincula-se a uma, como a visão de mundo científica, individualista, marxista etc. Enquanto pergunta em relação ao ser, a filosofia instaura uma práxis que nos orienta. Nesse sentido, ela instaura uma visão de mundo a respeito da qual a modernidade saberia, cada vez menos, ouvir. Assim, Heidegger já apresenta as balizas fundamentais do terreno no qual seu programa filosófico se moverá nas décadas posteriores.

VLADIMIR SAFATLE, PROFESSOR DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, É AUTOR DE *CINISMO E FALÊNCIA DA CRÍTICA* (BOITEMPO, 2008), *LACAN (PUBLIFOLHA, 2007)* E *A PAIXÃO DO NEGATIVO: LACAN E A DIALECTICA* (UNESP, 2006)

CADERNO C



L2
LITERATURA & LETURAS • SÉRGIO DE SÁ // SERGIO.SA@TERRA.COM.BR

ARGENTINA 1

Quer saber o que rola de melhor na novíssima literatura argentina? As dicas são do escritor Alan Pauls, que fez uma pausa na escritura do romance *História do cabelo* (segundo da trilogia iniciada com *História do pranto*) para anotar os seguintes títulos e nomes exclusivamente para a coluna: *Frio em Alaska*, de Matías Capelli, *Opendor*, de Iosif Havilio, e *Las teorías salvajes*, de Pola Oloixarac. Em poesia, *Oda*, de Fabián Casas. São livros de três editoras pequenas: Entropía, Mansalva e Eterna Cadencia. Esta última nasceu da/na linda livraria localizada no bairro de Palermo (Hollywood), em Buenos Aires.

O autor de *O passado* chama atenção para outra obra: a biografia de Osvaldo Lamborghini (960 páginas), escrita por Ricardo Straifacce. Lamborghini é venerado por nove entre 10 escritores argentinos.

ARGENTINA 2

João Gilberto Noll é o nome brasileiro do momento por lá. Está com destaque nas prateleiras. *Harmada* foi considerado um dos melhores lançamentos em ficção do ano passado.

FLASHES DE JANEIRO

● Morreu John Updike (1932). A crítica mais sisuda tem dúvidas em relação à obra. Sempre coloca Philip Roth um degrau acima na hierarquia geracional das letras norte-americanas. Na fortuna crítica do falecimento, Roth rasgou elogios ao autor das séries das personagens Coelho e Bech, que, ademais, foi um resenhista prolífico e generoso. O leitor norte-americano adora, adora. Nunca li direito, confesso com tristeza, a ficção de Updike, e sim uma ou outra resenha. Mas tendo a acreditar nessa junção de qualidade e popularidade que ele parece ter alcançado com suas narrativas sobre a classe média. É a informação que obtengo de leitores confiáveis.

● O fim do suplemento literário dominical do *Washington Post* virou reportagem no *New York Times*, que lamentou a extinção dos cadernos jornalísticos dedicados aos livros. Quando isso ocorreria no Brasil (a notícia e não a diminuição do espaço de reflexão)?

● O presidente Lula afirmou, na revista *Plau*, que tem azia ao tentar enfrentar jornais e revistas. Foi o primeiro *leitmotiv* midiático do ano. Ah, a popularidade continua em alta (do presidente e não da leitura).

ALEXANDRE PILATI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Está diante de um texto tão vigoroso quanto a *Ilíada* de Homero e uma experiência insubstituível para aqueles que desejam entender melhor a literatura e o Ocidente. Não fosse o caráter novo de todas as obrigações, os textos homéricos deveriam ser leitura obrigatória para quem deseja se tornar escritor ou mesmo leitor de literatura. E neles que matrizes temáticas, culturais e formais da literatura ocidental se encontram de forma ainda vivida. A *Ilíada* vem de um tempo em que o mundo da racionalização (que é, como sabemos, o destino último e o desejo fulcral da civilização ocidental) ainda se encontra como projeto, como desejo, meio entrecortado pelo mundo natural. Natureza e racionalização aritam-se no texto de Homero e fazem brilhar uma beleza difícil de entender e de explicar. Nas suas formas, parece que o homem ainda está bastante livre de si mesmo, para seu próprio bem.

Os leitores brasileiros que não conhecem a *Ilíada* e aqueles que já a leram (pois ela não existe para se ler uma vez só) têm agora nova oportunidade de travar contato com o texto, na tradução do maranhense Odorico Mendes (1799-1864). Trata-se da publicação, desde já digna de louvor, em co-edição Ateliê Editorial e Unicamp, da epopéia homérica, com prefácio e notas verso a verso de Sálvio Nienkötter. É dito comum afirmar que na *Ilíada* e na *Odisseia* de Homero há mais novidade do que no jornal que sairá amanhã. De fato, o leitor não perderá nada se deixar de parte o jornal de amanhã e ler um ou vários cantos desta recente edição brasileira da *Ilíada*, especialmente por dois principais motivos: o primeiro é a polêmica e instigante tradução de Odorico Mendes; o segundo é o poder homérico da sua poesia.

Sendo pioneira, a tradução de Odorico Mendes, publicada pela primeira vez em 1974, traz ao leitor contemporâneo uma intrigante discussão sobre o que é verter para uma língua tão distinta um texto tão importante e tão significativamente poético como a *Ilíada*. No prefácio desta recente edição, Nienkötter sublinha o caráter criativo da tradução de Odorico, além da consciência profunda do trabalho em que se embrenhara exibida pelo tradutor. Segundo ele, Mendes trabalha com o texto homérico combinando criatividade (quando se utiliza fartamente de neologismos e termos compostos) e minúcia na pesquisa das fontes em que se amparou para desenhá-la sua *Ilíada*, que estaria verdadeira não para o português vernáculo,

mas para uma espécie de "interlíngua", que fê-lo ficar conhecido como o "Homero brasileiro". Esse idioma de Odorico combina o Homero do texto original, o poeta latino Virgílio, de onde recupera a nomenclatura das divindades gregas, e o clássico Camões, que alimenta seu texto com os decassílabos e a sintaxe arcaizante. Entretanto, essa tradução sui generis, cheia de empolamento e contorções sintáticas exageradas, sofreu ao longo do tempo diversas críticas. Estão entre as mais significativas as de Sílvio Romero (que acerta no mérito, mas peca na dose e nas justificativas) e a de Antonio Candido, que parece cheia de propriedade, mas carece, talvez, de um maior desenvolvimento. Candido afirma, na *Formação da literatura brasileira*, que essa "interlíngua" em que Odorico verte a *Ilíada* encontra, por derramamento, prolixidade, abuso de recursos e rebuscamento, "um ápice de tolice". De fato, se pensarmos na posição sistêmica da linguagem em que Odorico se espelha, ela tende mais para o espírito do "neoclassicismo rotinizado" do que para o do autor sintonizado do com formas que vivamente traduzissem o caráter clássico (e não classicizado) da poesia homérica. Assim, o modelo e o conteúdo da linguagem que Odorico utiliza na sua *Ilíada*, não se ligam a um classicismo apriorístico em si (até porque isso não lhe era mais disponível em fins do século XIX). Sua linguagem é a do neoclassicismo esvaziado, tomado rotina, em que formas montas aludem mais a verbosidade e a empolgação vazia (em certos momentos beirando o conceito do *kitsch*) do que a um estilo propriamente homérico. A polêmica, todavia, não se encerra e a atual edição é um excelente motivo para retomarmos a discussão sobre um certo sistema literário brasileiro ligado à tradução do cânone cosmopolita.

Por fim, falemos do texto homérico, para além da tradução de Odorico Mendes. Falemos daquele combustível especial que faz a *Ilíada* ser lida e relida através dos séculos. O argumento narrativo é simples: o pano de fundo histórico é a Guerra de Troia, na qual Micenas e outras cidades gregas se confederam para derrubar os troianos. Dez anos se passam entre o sequestro de Helena, esposa do poderoso Menelau, por Páris Alexandre e o fim da guerra. A *Ilíada* concentra sua ação no decorrer do ano ano, quando acontece uma contenda entre Agamenon e Aquiles por causa da disputa por uma cativa chamada Briseida. Agamenon toma Briseida de Aquiles e este recusa-se a lutar, pedindo à deusa Têtis que envie derrotos aos gregos, devido ao abuso de Agamenon.

Aquiles não mais combate e a derrota de fato cai sobre os gregos. Heitor, que comanda os troianos, protagoniza a destruição dos adversários. Pátroclo, um bravo jovem, melhor amigo de Aquiles, resolve comandar os Mirmídones na tentativa de reverter a desdida grega e acaba sendo morto por Heitor. Tomado de cólera, Aquiles retorna à guerra, mata o valoroso Heitor e não lhe dá o direito de um funeral digno de herói. Tudo que está dito na *Ilíada* concentra-se nesses fatos, que, simples embora, amarram-se de modo a formar a maior história que já se contou.

Trechos memoráveis A imensidão da *Ilíada* não está apenas em trechos memoráveis como os dinamicamente narrativos duelos de Heitor com Pátroclo e Aquiles (Cantos XVI e XXII), além de outros mais líricos, por assim dizer, como no momento em que Heitor fala com a esposa sobre a má impressão que tem da guerra, ou quando o rei Priamo vai ao acampamento de Aquiles, a fim de implorar-lhe a devolução do corpo de seu filho Heitor para dar-lhe um funeral digno (Cantos VI e XXIV). É também a forma homérica, além do conteúdo vivamente humano, que nos fascina. Erich Auerbach em seu *Mimesis* foi talvez quem melhor, no mundo moderno, conseguiu compreender os meandros do realismo homérico. Para Auerbach, a forma homérica de narrar está baseada na pleto de iluminação dos acontecimentos no presente. Para ele, o que Homero nos narra é sempre e somente o presente que acontece por completo a cena e a consciência do leitor. Em seu cantar épico, o aedo grego não abria brechas para tensões de segundo plano, mas teria o dom de estabelecer uma poiese calcada no primeiro plano, deixando "agir o que é narrado, em cada instante, como presente único e puro, sem perspectiva". E eis que vemos, em meio a batalha feroz, descrições que nos levam a rever a vida dos heróis, detalhes de armamentos, verdadeiras genealogias, falas elaboradas de personagens. Tudo isso feito de tal forma que cada elemento se torna o mais importante no momento narrado, num equilíbrio narrativo perfeito e insuperável, porque não nos abandona à tensão ou ao suspense; antes nos conduz ao interesse vivo pelo que está sendo contado em primeiro plano.

É por isso (e tanto mais) que toda nova edição da *Ilíada* deve ser comemorada, lida e relida. Lá estará gravada, sob a "ira tenaz" do bravo Aquiles, a marca primeira da nossa vida em sociedade e da nossa relação com a literatura e com a história. Há mesmo, aqui em cada verso de Homero, mais novidade do que amanhã a Internet colocará no ar. É ver para crer.

ALEXANDRE PILATI É DOUTOR EM LITERATURA BRASILEIRA E POETA, AUTOR DE *PRAFORA* (7 LETRAS, 2007)

AGENDA DE FEVEREIRO

● O jornalista Marcelo Araújo faz sua primeira aposta na ficção. Os "contos de terror" reunidos em *Não abra* (Thesaurus) serão lançados na próxima terça-feira, dia 10, no Carpe Diem da 104 Sul. Marcelo (o querido Tjolo, para os mais íntimos) é um leitor voraz de histórias sobrenaturais, atento à tradição e às novidades. Seu texto vai direto ao ponto, com referências ao mundo pop e à literatura de H.P. Lovecraft e companhia. O medo se apresenta sem disfarces.

● Primeiro em Salvador e depois aqui na cidade, o jornalista baiano-brasileiro Sérgio Maggio, do *Correio*, lança *Conversas de cafetinas* (Arquipélago Editorial). O livro é resultado de pesquisa de 11 anos, que começou na Bahia, em 1997. Inicialmente, Maggio fez oito perfis de donas de bordéis da capital e do interior. Depois, continuou o trabalho em Brasília, em pós-graduação na UnB, estudando a relação das prostitutas com o Setor Hoteleiro Sul. Essas histórias somadas inspiraram o texto dramático *Cabare das donzelas inocentes*, que acaba de entrar na pauta do CCBB e será montado neste ano com direção de Murilo Grossi e William Ferreira. No livro, há tanto os perfis jornalísticos quanto o texto da peça, permitindo ao leitor perceber o trânsito entre real e ficção. A orelha vem assinada por Eliane Brum.

● Atenção ao filme *O leitor*. E para o excelente romance do alemão Bernard Schlink que lhe deu origem, de volta às prateleiras, por conta da adaptação. Saiu da Nova Fronteira e foi para a editora Record.

● A primeira Festa Literária de Pirenópolis (Flipiri) nasce inspirada pela Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), pela Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas (Fliporto) e pelo Festival Literário da Floresta (Flifloresta), conta a coordenadora-geral Iris Borges, dona da distribuidora de livros Arco-Iris. O evento homenageia o escritor Igácio de Loyola Brandão. Faz também uma reverência póstuma a Maria Eunice Pereira e Pina, fundadora da Academia Pirenopolina de Letras, Artes e Música. Da próxima quinta (12) até domingo (15), com patrocínio exclusivo dos Correios e apoio da prefeitura da histórica cidade goiana. Até o fechamento da coluna, a programação completa ainda não havia sido divulgada. Mais informações pelo e-mail flipiri@gmail.com.

● O mundo literário segue adiante. O Prêmio Portugal Telecom está com inscrições abertas, os blogueiros nos abastecem com intimidades, a Flip anuncia, aos poucos, suas atrações (Antônio Lobo Antunes, Carlos Fuentes, Junot Diaz e Anne Enright), editoras e livrarias disfarçam a crise e nos convidam a um ano dentro do habitual. Torçemos.

A Ilíada e o HOMERO BRASILEIRO

TEXTO FUNDADOR DA LITERATURA OCIDENTAL É REEDITADO EM TRADUÇÃO PRECURSORA DE ODORICO MENDES

ALEXANDRE PILATI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Está diante de um texto tão vigoroso quanto a *Ilíada* de Homero e uma experiência insubstituível para aqueles que desejam entender melhor a literatura e o Ocidente. Não fosse o caráter novo de todas as obrigações, os textos homéricos deveriam ser leitura obrigatória para quem deseja se tornar escritor ou mesmo leitor de literatura. E neles que matrizes temáticas, culturais e formais da literatura ocidental se encontram de forma ainda vivida. A *Ilíada* vem de um tempo em que o mundo da racionalização (que é, como sabemos, o destino último e o desejo fulcral da civilização ocidental) ainda se encontra como projeto, como desejo, meio entrecortado pelo mundo natural. Natureza e racionalização aritam-se no texto de Homero e fazem brilhar uma beleza difícil de entender e de explicar. Nas suas formas, parece que o homem ainda está bastante livre de si mesmo, para seu próprio bem.

Sendo pioneira, a tradução de Odorico Mendes, publicada pela primeira vez em 1974, traz ao leitor contemporâneo uma intrigante discussão sobre o que é verter para uma língua tão distinta um texto tão importante e tão significativamente poético como a *Ilíada*. No prefácio desta recente edição, Nienkötter sublinha o caráter criativo da tradução de Odorico, além da consciência profunda do trabalho em que se embrenhara exibida pelo tradutor. Segundo ele, Mendes trabalha com o texto homérico combinando criatividade (quando se utiliza fartamente de neologismos e termos compostos) e minúcia na pesquisa das fontes em que se amparou para desenhá-la sua *Ilíada*, que estaria verdadeira não para o português vernáculo,

Aquiles não mais combate e a derrota de fato cai sobre os gregos. Heitor, que comanda os troianos, protagoniza a destruição dos adversários. Pátroclo, um bravo jovem, melhor amigo de Aquiles, resolve comandar os Mirmídones na tentativa de reverter a desdida grega e acaba sendo morto por Heitor. Tomado de cólera, Aquiles retorna à guerra, mata o valoroso Heitor e não lhe dá o direito de um funeral digno de herói. Tudo que está dito na *Ilíada* concentra-se nesses fatos, que, simples embora, amarram-se de modo a formar a maior história que já se contou.

Trechos memoráveis A imensidão da *Ilíada* não está apenas em trechos memoráveis como os dinamicamente narrativos duelos de Heitor com Pátroclo e Aquiles (Cantos XVI e XXII), além de outros mais líricos, por assim dizer, como no momento em que Heitor fala com a esposa sobre a má impressão que tem da guerra, ou quando o rei Priamo vai ao acampamento de Aquiles, a fim de implorar-lhe a devolução do corpo de seu filho Heitor para dar-lhe um funeral digno (Cantos VI e XXIV). É também a forma homérica, além do conteúdo vivamente humano, que nos fascina. Erich Auerbach em seu *Mimesis* foi talvez quem melhor, no mundo moderno, conseguiu compreender os meandros do realismo homérico. Para Auerbach, a forma homérica de narrar está baseada na pleto de iluminação dos acontecimentos no presente. Para ele, o que Homero nos narra é sempre e somente o presente que acontece por completo a cena e a consciência do leitor. Em seu cantar épico, o aedo grego não abria brechas para tensões de segundo plano, mas teria o dom de estabelecer uma poiese calcada no primeiro plano, deixando "agir o que é narrado, em cada instante, como presente único e puro, sem perspectiva". E eis que vemos, em meio a batalha feroz, descrições que nos levam a rever a vida dos heróis, detalhes de armamentos, verdadeiras genealogias, falas elaboradas de personagens. Tudo isso feito de tal forma que cada elemento se torna o mais importante no momento narrado, num equilíbrio narrativo perfeito e insuperável, porque não nos abandona à tensão ou ao suspense; antes nos conduz ao interesse vivo pelo que está sendo contado em primeiro plano.

É por isso (e tanto mais) que toda nova edição da *Ilíada* deve ser comemorada, lida e relida. Lá estará gravada, sob a "ira tenaz" do bravo Aquiles, a marca primeira da nossa vida em sociedade e da nossa relação com a literatura e com a história. Há mesmo, aqui em cada verso de Homero, mais novidade do que amanhã a Internet colocará no ar. É ver para crer.

ALEXANDRE PILATI É DOUTOR EM LITERATURA BRASILEIRA E POETA, AUTOR DE *PRAFORA* (7 LETRAS, 2007)



TEATRO DO SACRAMENTO
De Alcyr Pécora. Edusp, 286 páginas, R\$ 78.

Transformada em publicação de luxo, a tese de doutorado de Alcyr Pécora defendida em 1989 retoma as alegorias sacramentais do padre Antonio Vieira para discorrer sobre escrituras até a monarquia e a história de Portugal. A linguagem acadêmica e extremamente rebuscada faz do ensaio de Pécora um livro destinado exclusivamente aos estudiosos do tema.



QUEM SOU EU?
De Richard David Precht. Ediouro, 336 páginas, R\$ 44,90.

Preocupado com a escassez de livros de introdução à filosofia, o publicitário e escritor alemão se apropria de fatos históricos para explicar ao leitor o pensamento da filosofia clássica: Moral, direitos, vida, sociedade, Deus, morte, liberdade, amor e outros temas desfilam por capítulos iniciados com narrativas sobre descobertas históricas nas quais o autor insere um outro conceito filosófico e apresenta os grandes pensadores



LUCIEN GOLDMANN — OU A DIALECTICA DA TOTALIDADE
De Michael Löwy e Sami Nair. Boitempo Editorial, 190 páginas, R\$ 43.

Publicado logo após a morte de Lucien Goldmann em 1970, o livro de Michael Löwy e Sami Nair procura aplainar a coerência da obra do pensador marxista e sua diversidade. O livro não é uma biografia, como anunciam os autores nas primeiras páginas, mas o resultado de conversas e reflexões com o próprio Goldmann, do qual a dupla foi aluna, sobre as análises marxistas produzidas pelo pensador.



EXISTO LOGO PENSO
De Alexander George. Editora Boitempo, 280 páginas, R\$ 37,90.

O site www.askiplosophers.com foi criado em 2005 por Alexander George, professor da Universidade de Amherst, para disponibilizar em rede um espaço destinado as perguntas filosóficas de todo e qualquer público. Os internautas lançam as perguntas e um time de filósofos responde. Para o livro, George selecionou algumas das melhores perguntas e repostas publicadas no site nos últimos três anos.



INTRODUÇÃO À FILOSOFIA
De Martin Heidegger.
Tradução de Marco Antônio Casanova.
Martins Fontes, 456 páginas, R\$ 69,80.

Editor: Martins Fontes/Divulgação

Editor: Uchamph/Reprodução

Marcelo Meneses/Laboratório Semiotico/Reprodução

Daniela Américo/Reprodução

Marcelo Perren/Wetmar Design/Reprodução